

# Camões e a Moça China

卡蒙斯与中国女孩

Eduardo Ribeiro  
Jurista, investigador independente

Camilo Castelo Branco, facundo escritor do século XIX (1825-1890), insurgia-se contra Diogo do Couto (1542-1616), sucessor de João de Barros (1496-1570) como cronista dos feitos dos portugueses na Ásia, por nada ter dito de relevante sobre Camões na *Década 8.<sup>a</sup> da Ásia*, que cobre os anos 1564-1571 e que respeita, mais ou menos, ao período em que o nosso Poeta esteve no Oriente (1553 a 1568).

De facto, era surpreendente que o notável cronista nada tivesse dito sobre o Poeta quinhentista, eles que se encontraram na Índia (entre 1559 e 1562) e, de novo, em Moçambique (de c. de fevereiro a novembro de 1569) até ao seu embarque na nau Santa Clara, a caminho do reino (de novembro de 1569 a abril de 1570). Eles que haviam servido ambos na milícia, que eram especiais amigos, correligionários nas ideias humanistas do Renascimento e que, portanto, numa mão empunhavam a espada, na outra a pena!

Confuso, Camilo referia-se mesmo, depreciativamente, a Couto, como o «difuso autor das *Décadas*» e, entendia que o cronista, quando fala de Camões, nomeava-o «apenas numa crise de pobreza convizinha da mendiguez».

Bom, na verdade, a versão da *Década 8.<sup>a</sup>* que Camilo conheceu era a que tinha sido publicada em 1673, e pouco diz, de facto. Na carta que o próprio Diogo do Couto dirige a Filipe I de Portugal e que serve de Prólogo a essa *Década 8.<sup>a</sup>* impressa, o próprio Couto diz textualmente: «resumi as coisas mais notáveis e substanciais».

E então Camões? — ter-se-á interrogado Camilo. Não era ‘notável’? Não era ‘substancial’? Parecia que não! — escandalizava-se o romântico escritor.

Camilo tinha toda a razão para estranhar, e nem podia adivinhar que ali bem perto dele, na Biblioteca Pública Municipal do Porto, estava um códice, manuscrito, com uma ver-

são mais explícita da *Década 8.<sup>a</sup>* da Ásia de Diogo do Couto no que toca ao Oriente e particularmente de Macau, China.

Esse códice só veio a ser descoberto em 1917, seguido da descoberta de um outro manuscrito, praticamente igual, em Madrid, em 1971. São os códices Porto/Madrid, conhecidos por «versão manuscrita ou extensa» da *Década 8.<sup>a</sup>*. Já Camilo não estava entre nós...

Em 1993/1994, a historiadora Maria Augusta Lima da Cruz fez um moroso e paciente trabalho de cotejo das duas versões da *Década 8.<sup>a</sup>* (a impressa e a manuscrita) e podemos ver, pelo seu trabalho, que a versão impressa/resumida é, de facto, de... uma pobreza franciscana!... Couto ignora praticamente Camões. Mas nos códices Porto/Madrid diz mais. Ora, o que diz aí Couto?

Diz tudo o que, de relevante, sabemos hoje de "Macau e Camões": que na ilha de Moçambique o encontrou pobre, porque, «da viagem que fez à China por provedor dos defuntos [...], vindo de là se foi perder na costa do Sião, onde se salvarão todos despídos e o Camões por dita escapou com as suas Lusíadas como ele diz nellas e aly se lhe afogou hũa moça china que trazia muito fermosa...».

Diz mais, mas neste apontamento quero falar apenas da referência à moça china. É claro que não sabemos quem era a moça china, mas, para Camões a trazer consigo a bordo, no regresso de Macau para a Índia, significa que a amava ou, no mínimo, tinha afeição suficiente por ela. Era *china, muito formosa*, e perdeu-se no naufrágio que o Poeta diz ter tido na latitude da foz do Mecon, naquilo que é hoje o Vietname.

Não surpreende ninguém que Camões tivesse tido junto de si, nos *penedos* do alto do outeiro de Patane, em Macau, uma moça china, a quem amasse e desse guarida e proteção, em troca de serviços prosaicos do quotidiano de qualquer um: assegurar-lhe a malga de arroz com galinha

ou o *chao min* de legumes, a limpeza do tugúrio onde se encontravam acoitados — num dos penedos do cimo do outeiro onde está hoje a Gruta de Camões — a lavagem da roupa, enfim, coisas do dia a dia.

Também na Índia Camões ‘cantou’ umas «endechas a» uma «Bárbara escrava», uma «pretidão de amor, tão doce figura», por quem o «amorudo» Camões, mais uma vez, se perdeu de amores: *Aquela cativa / Que me tem cativo, / Porque nela vivo / Já não quer que viva.*

Por isso, pode tê-la ‘cantado’ em rimas soltas, como fez com Violante, Dinamene, e muitas outras. Nem é de desprezar a hipótese de ter perdido grande parte dos seus poemas no naufrágio e, portanto, um ou outro dedicado à moça china.

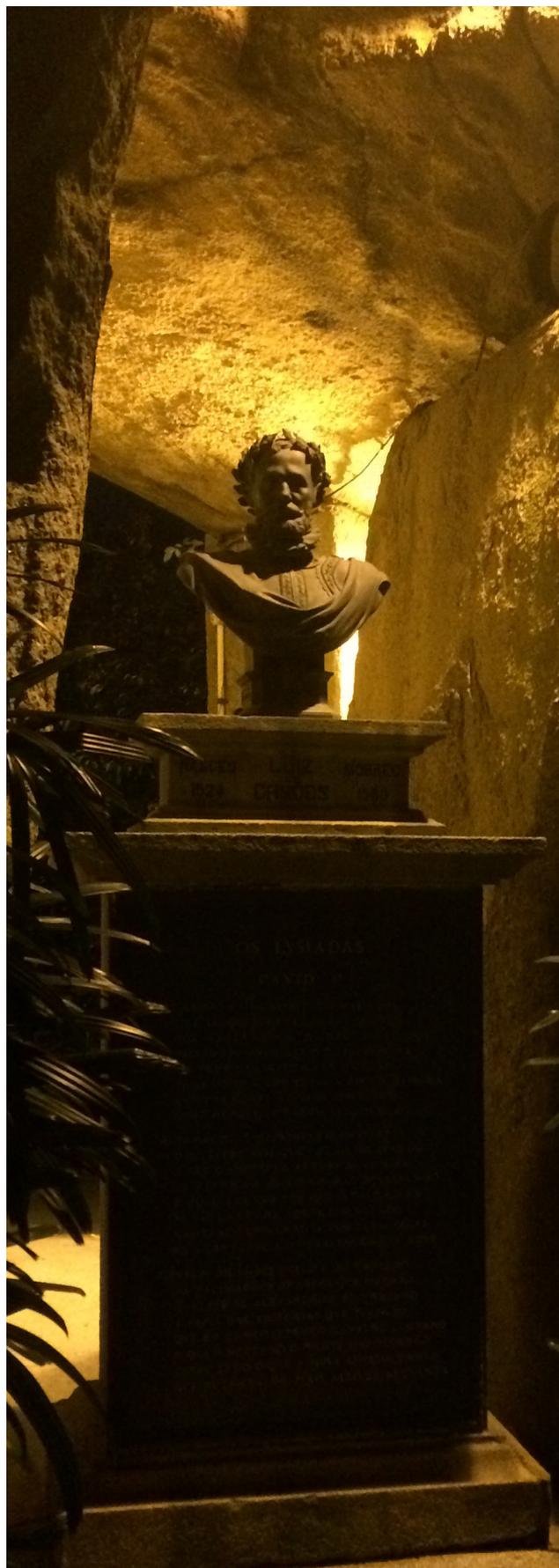
Esta, provavelmente, era «uma rapariga tanka, pertencente ao numeroso grupo social chinês que vivia em embarcações nos mais diversos pontos do litoral da província de Guangdong, vivendo quase exclusivamente sobre as águas, dedicando-se à pesca e ao tráfico marítimo», como sugere Rui Manuel Loureiro.

Houve quem tivesse feito tudo para inculcar a ideia de que a moça china era a Dinamene da lírica, falsificando, como defendem alguns autores, a versão manuscrita/extensa da *Década 8.<sup>a</sup>*, na parte em que, a seguir à menção da ‘moça china’ e ‘muito formosa’, se acrescenta que o Poeta, “em terra, fez sonetos à sua morte, em que entrou aquele que diz: *Alma minha gentil que te partiste / tão cedo desta vida descontente / repousa tu no Céu eternamente / e viva eu cá terra sempre triste. E que, “a esta chama ele em suas obras Dina mente”* (sic).

Que a tivesse cantado, à moça china, não admira. Pois se a amava! Já o dissemos. Mas não era, seguramente, a Dinamene da lírica camonianiana. Primeiro, porque muito antes do naufrágio, já Dinamene aparece na lírica do nosso Poeta, em pelo menos uma elegia, duas éclogas e dois sonetos! Era, aliás, uma ninfa comum na antiguidade clássica, começando com Homero, na sua *Iliada*, canto XVIII, v. 44.

Segundo, porque a associação a Dinamene do nome da amada do soneto *Alma minha* citado na *Década 8.<sup>a</sup>*, sendo certo que é uma homenagem a uma jovem amada que acaba de morrer, nenhuma das ideias de *morte no mar* ou *falta de sepultura* — comuns aos poemas onde Camões nomeia Dinamene — é afluída. Nem, acrescentando-se, se cita o nome da amada. A associação a Dinamene feita na *Década VIII* foi artificialmente induzida. Dolosamente, para desviar as atenções do nome da verdadeira Dinamene.

Terceiro, porque num informe manuscrito de 1672, de



**“...não temos dúvidas de que o amorudo Camões tivesse amado esbeltas chinesas de Macau; mas não podemos garantir que alguma se mantivesse nas suas recordações com o nome de Dinamene.”**

João Franco Barreto, inédito até há uns anos, *sub verba* ‘Dinamene’, faz ele constar que era o nome de uma *dama*, o que de todo não se coaduna com a lenda da moça chinesa. Está até bem mais conforme com a realidade, qual seja a de que pelo menos a mãe de D. Ioana de Menezes Noronha, a Dinamene da lírica, havia sido dama da imperatriz D. Isabel.

Por isso, como disse o Professor Luís de Albuquerque, «não temos dúvidas de que o amorudo Camões tivesse amado esbeltas chinesas de Macau; mas não podemos garantir que alguma se mantivesse nas suas recordações com o nome de Dinamene, e nada indica que viesse a morrer afogada no naufrágio que ele sofreu.» (Albuquerque, 1987, p. 156).

Se as duas versões da *Década 8.<sup>a</sup> da Ásia* (versão manuscrita/extensa), encontradas no séc. XX, vieram trazer alguma luz à biografia oriental de Camões, convém, porém, pôr as maiores reservas a esta tentativa de identificar a moça china como Dinamene, pois sabemos que a autêntica *Década 8.<sup>a</sup>*, pronta em finais de 1614, foi «roubada» em 1615, como o próprio Diogo do Couto escreveu na carta de 28 de janeiro de 1616, que precede a versão impressa/resumida, publicada em 1673.

Assim, a versão extensa/manuscrita (códices Porto/Madrid), são apenas os «códices depositários» do que terá sido a verdadeira, «roubada» e nunca aparecida. Com «mais as características de um rascunho, que de um trabalho acabado» (Cruz, 1994, II, p. 275), é afinal o «borrão» da verdadeira (idem, p. 39). Se, mesmo assim, nos disse tanto sobre a biografia oriental de Camões, imagine-se o que não poderá dizer-nos a autêntica quando, e se, um dia for encontrada.

Diogo do Couto tinha por costume, em Goa, de onde mandava os manuscritos para o reino, ter documentos, rascunhos, apontamentos, devidamente salvaguardados, pois eram grandes os riscos de os manuscritos enviados pela carreira da Índia se perderem. Havia os naufrágios, assaltos, roubos, incúria, imprevistos vários, que assim o obrigavam a isso. Assim, por exemplo, a *Década 7.<sup>a</sup>* desapareceu num ataque da armada por corsários holandeses, a 11.<sup>a</sup> desapareceu sem deixar rasto e as 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> foram roubadas, segundo informa o próprio Couto.

Com os “borrões” que conservava, conseguia, ele ou os seus secretários, refazer as que desaparecessem. É nesse contexto que não surpreende que os códices Porto/Madrid, meros “borrões”, meros rascunhos, possam efetivamente ter sido falsificados no que toca à moça china para que passasse pela Dinamene da lírica camoniana. A família dos amos de Camões tinha muito que esconder da posteridade... ■

Fontes bibliográficas: as duas obras do Autor publicadas em 2012 pela Labirinto de Letras (Lisboa), *Camões no Oriente* (coletânea de textos) e *Camões em Macau-Uma Verdade Historiográfica*, a primeira republicada em 2.<sup>a</sup> edição, de Autor, em 2018, onde se pode consultar toda a bibliografia utilizada pelo Autor, e ainda, em geral, a obra de Maria Augusta Lima Cruz *Diogo do Couto e a Década 8.<sup>a</sup> da Ásia*, publicada em dois volumes pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em Lisboa, em 1993/1994, a obra de Rui Manuel Loureiro *A Biblioteca de Diogo do Couto*, publicada pelo Instituto Cultural de Macau em 1998 e ainda o *Dicionário da Expansão Portuguesa*, em dois volumes, dirigido por Francisco Contento Domingues, do Círculo de Leitores, janeiro de 2016.